

**Black Mirror: uma análise crítica da sociedade a partir do episódio *Fifteen Million Merits* sob à luz das teorias da Sociedade do Espetáculo e da Pós-Modernidade**

*Black Mirror: a critical analysis of the society from the episode 'Fifteen Million Merits' by the theories of the Society of the Spectacle and the Postmodernity*

Hiago M. REISDOERFER<sup>1</sup>  
Natália MARTINS FLORES<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo traça uma análise crítica da sociedade atual por meio da análise da narrativa seriada *Black Mirror* (2011). O estudo é pautado nas reflexões de Guy Debord (1967) sobre a sociedade do espetáculo e de Zygmunt Bauman (2000) sobre os conceitos de pós-modernidade. Pretende-se descrever e compreender a dinâmica das relações interpessoais retratadas no episódio, contribuindo assim para uma reflexão da contemporaneidade. Somos apresentados a uma leitura crítica da realidade através de uma comunidade fictícia doente e corrompida pela tecnologia, onde a maior parte da vida social é vivida de maneira digital e onde o consumo desenfreado impera. Delineia-se uma interpretação do homem contemporâneo como incapaz de pensar diferente do imposto pelo sistema dependente das tecnologias e de um mundo automatizado, cada vez menos humano.

**Palavras-chave:** Comunicação. Sociedade. Teorias da Comunicação. Modernidade Líquida.

## Abstract

The article draws a critical analysis of the current society through the analysis of the serial narrative *Black Mirror* (2011). The study is based on the reflections of Guy Debord (1967) on the *Society of the Spectacle* and Zygmunt Bauman (2000) on the concepts of postmodernity. It is intended to describe and understand the dynamics of the interpersonal relations portrayed in the episode, thus contributing to a reflection of contemporaneity. We are presented with a critical reading of reality through a fictitious community that is diseased and corrupted by technology, where most of the social life is lived digitally and where unbridled consumption prevails. An interpretation of contemporary man is outlined as incapable of thinking differently from what is imposed by the technology-dependent system and an automated world, each time less human.

**Key Words:** Communication. Society. Communication theories. Liquid Modernity.

---

<sup>1</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel.  
E-mail: hiagojornal@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Comunicação (Universidade Federal de Santa Maria - UFSM). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação e Linguagem (PPGCOM/UFPE). E-mail: nataliflores@gmail.com

## Introdução

O objeto da pesquisa é o episódio *Fifteen Million Merits* da série narrativa *Black Mirror*, que foi ao ar, inicialmente, no canal britânico *Channel 4*, em 11 de dezembro de 2011. A obra, dirigida por Euros Lyn, com roteiro de Charlie Brooker e Konnie Huq se baseia em uma distopia, na qual os trabalhadores de uma espécie de colônia futurista pedalam um tipo de bicicleta ergonômica, sem saber ao certo porquê. Em troca, eles recebem *merits*, a moeda local que pode ser usada para comprar programas de TV, comida e upgrades para o seu avatar eletrônico - elementos relacionados à tecnologia digital. Neste universo, a interação entre as pessoas é mínima, se dando principalmente no âmbito digital. O ponto chave da trama acontece quando *Bing*, personagem principal, depois de alguns acontecimentos, percebe a manipulação e alienação da população e o papel da tecnologia nisso.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a sociedade contemporânea a partir da análise da narrativa do episódio da série *Black Mirror*. Para isso, analisamos o comportamento de alguns personagens ao longo da narrativa, assim como as suas atitudes e reações a certos tipos de acontecimentos, relacionando a trama com as teorias da Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord, e da Modernidade Líquida, de Zygmunt Bauman. Escolhemos analisar esse episódio justamente pela crítica que essa faz ao modo de vida e de interação interpessoal contemporâneos, pautados em torno do uso de tecnologias.

## Modernidade líquida: a fragilidade das relações na sociedade do espetáculo

A narrativa da série *Black Mirror* permeia a relação entre homem e tecnologia, fator que norteia nosso artigo. Obras como Luis Carlos Lopes (2008) e Bauman (2000) nos falam de duas possibilidades de indivíduos no mundo tecnológico de hoje: os tecnofílicos e os tecnofóbicos<sup>3</sup>. Os tecnofílicos enxergam a tecnologia como um dos

---

<sup>3</sup>Tema também abordado por Zygmunt Bauman na obra *Modernidade líquida*, porém, o autor relaciona os grupos com os universos literários de *Admirável mundo novo*, escrito por Huxley (1932), que podemos comparar com os tecnofílicos-, e *1984*, de George Orwell (1949) - que faz alusão aos tecnofóbicos.

(senão o único) meios para uma sociedade democrática e seu convívio harmonioso. Já tecnofóbicos percebem na tecnologia uma força autônoma, responsável por implantar aspectos negativos na sociedade como a individualidade, o consumo desenfreado, as desigualdades e, ainda, a vigilância digital<sup>4</sup>. É a partir desta visão dualística entre o bem e o mal que alinharemos conceitos com Debord (1967) para lançar uma análise sobre a pós-modernidade e a comunicação.

Pautando seus ensaios na esfera dos estudos sociológicos comportamentais, Bauman (2000) traz em suas reflexões o conceito de uma “vida líquida”, fazendo alusão à transitoriedade e à facilidade que um líquido flui em certo ambiente. Assim somos nós na sociedade atual, nossas escolhas, investimentos, trabalhos, consumos e relações. Para o teórico, a atual sociedade é inconstante e incerta, tanto de uma perspectiva de vida sem objetivos ou planos como do porquê fazemos o que fazemos, já que, na maior parte do tempo, estamos executando funções sem levantar questionamentos sobre a atividade em si.

Tal desinteresse no futuro, de acordo com Bauman (2000), traz à tona o sentimento de individualidade. Por sua vez, a individualidade e a transição veloz e incerta da sociedade, conforme as adaptações de fatores temporais como a tecnologia, faz com que o indivíduo inicie uma busca incessante por uma identidade. Por diversos fatores externos a si e inerentes à sociedade como um todo, o ser humano sente-se impulsionado a buscar pertencimento e identidade, a encontrar um totem (MAFFESOLI, 1996).

Essa relação entre o desinteresse pelo futuro e a falta de consciência sobre as atividades laborarias, estabelece uma certa fragilidade em relação aos bens, amparado pela sociedade atual com a velocidade em que as coisas se tornam obsoletas e são descartadas (BAUMAN, 2000). Para o autor, não importa o quanto uma pessoa consuma para tentar ser feliz ou encontrar uma identidade. Devido a velocidade com que todas as coisas se tornam obsoletas, tal indivíduo nunca estará satisfeito, regra primordial da sociedade líquida. Assim,

Quanto mais se procura, mais se precisa e mais se sofre quando é privado de novas doses da droga procurada. Como meio de aplacar a

---

<sup>4</sup> Esse segundo conceito, é também abordado por Bauman (2000) quando analisa o livro 1984, de George Orwell (1949).

sede, todos os vícios são autodestrutivos; destroem a possibilidade de se chegar a satisfação. (BAUMAN, 2000, p.93)

Traçando um paralelo entre a pós-modernidade e a atual sociedade, chegamos a internet, ferramenta crucial da vida líquida. Ela exige uma constante atualização de seus usuários, seja em termos de hardware ou em termos de conhecimento. Aqueles que não se encaixam nestes requisitos são deixados para trás inclusive pelos veículos de comunicação tradicionais, que têm adotado cada vez mais a web como base de atuação.

Assim como Bauman, Guy Debord (1967) também produziu reflexões sobre o comportamento social. A sua teoria da Sociedade do Espetáculo constitui-se em uma interpretação de nosso convívio humano pautado em questões como “Ter para ser” e consumo desenfreado. Para ele:

Toda vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. (DEBORD, 1967, p.13)

Segundo Guy Debord (1967). Se toda vida em sociedade é regida sob os aspectos e características da pós modernidade, nem nós, nem os personagens de Black Mirror – bem como de qualquer outra narrativa – estão à salvo da inerente batalha de egos da representação. Para ele, por mais que o tempo passe e muitas coisas mudem, continuaremos inseridos neste sistema representativo, comprando ainda mais coisas sem sentido ou valor para que de certa forma aumentemos a nossa ‘influência’ dentro dos grupos as quais pertencemos. E, ao passo que a tecnologia em si e suas aplicabilidades avançam e permeiam ainda mais as nossas vidas, nos vemos cada vez mais cercados e esmagados por essa realidade.

O texto de Debord (1967) consegue perpetuar uma leitura apurada da dinâmica social e da sua busca pela aceitação e atenção a todo custo, razão pela qual continua atemporal. Acreditamos que os conceitos do pesquisador servem para caracterizar uma sociedade que, mesmo retratada em diversas obras literárias e televisas como sendo uma replicação fiel da realidade, é na verdade uma alegoria exagerada do mundo real, em outras palavras, uma mera representação – a base da sociedade do espetáculo.

Para de fato entrarmos na aplicabilidade das teorias perante os acontecimentos do episódio, precisamos ter em mente que Black Mirror reflete tanto aspectos positivos

quanto negativos da sociedade e, ao mesmo tempo, influencia certos comportamentos. Esse aspecto é ressaltado por Valentim (2014) quando analisa o seriado, mostrando a sua proposta de servir como crítica social pautada na reflexão sobre a contemporaneidade, uma dramatização da realidade concebida entre o homem e sua dependência das máquinas tecnológicas.

## **Conhecendo o objeto empírico**

A série Black Mirror foi criada pelo roteirista e jornalista britânico Charlie Brooker, e, atualmente, conta com 18 episódios divididos em quatro temporadas. O enredo do seriado, de modo geral, aborda as relações entre homem e tecnologia de uma perspectiva tecnofóbica, bem como passeia por teorias conspiratórias de forma velada, criando um grande nível de tensão, confundindo a mente do espectador. *Fifteen Million Merits*, é o segundo episódio da primeira temporada e aborda de maneira precisa as relações entre o homem e o mundo digital através de uma representação alegórica da sociedade atual.

No episódio de 61 minutos – o mais longo da primeira temporada - que foi ao ar em 11 de dezembro de 2011, somos introduzidos aos trabalhadores de uma colônia fictícia, responsáveis por gerar a energia desta comunidade por meio de uma bicicleta, a qual pedalam diariamente em troca de *merits*, a moeda local. Bing, o personagem principal, possui muitos *merits*, que herdou de seu irmão e nunca usa para o que não seja necessário, até conhecer Abi Khan. Ao ouvi-la cantar, impressionado por sua voz, motiva a personagem a participar do show de calouros da colônia.

O ingresso para participação é caro e Abi não possui grandes riquezas, o que faz Bing oferecer sua herança para a garota. A cantora consegue participar do programa, que se assemelha a nomes como X Factor, American Idol e The Voice. Após sua apresentação, os jurados não se convencem de sua voz, mas sim de sua aparência, propondo a ela não um papel como artista, mas sim como atriz da indústria pornográfica da colônia.

Inconformado com o destino de Abi, Bing passa a trabalhar sem parar, economizando cada *merit* possível para participar do show e usar sua apresentação para manifestar uma crítica ao sistema e ao modo de vida da colônia. No entanto, os jurados

usam o discurso do personagem a seu favor, oferecendo a ele um programa televisivo. Sem questionar, aceita a oferta, assim como também aceita seu destino de forma passiva, se tornando aquilo que mais odeia.

Nosso percurso metodológico organizou-se a partir de dois movimentos: de observação do material audiovisual e de pesquisa bibliográfica, selecionando autores que dialogam com o tema. Num primeiro momento, assistimos o episódio, prestando atenção aos elementos da narrativa seriada e fazendo anotações sobre as aproximações entre a ficção e aspectos da contemporaneidade. A partir deste contato, selecionamos autores que poderiam elucidar o material observado. Assim, construímos algumas ligações entre a narrativa seriada e os aspectos da comunicação e sociedade trazidos por esses autores.

Inicialmente escolhemos dois autores base para nossas reflexões, Guy Debord e Zygmunt Bauman. No entanto, ao longo dos estudos e leituras, incorporamos outros teóricos que também ajudam a estabelecer uma proximidade com os assuntos abordados neste estudo, assim como, oferecem visões contrárias aos pensamentos dos autores base, enriquecendo o debate. Entre eles podemos citar Luís Carlos Lopes (2008), Raquel Recuero (2009), Michel Maffesoli (1988) e Umberto Eco (1979).

Após feitas as leituras complementares, assistimos ao episódio mais uma vez, agora de forma pausada, cena por cena, analisando o conteúdo dos diálogos e da linguagem corporal dos personagens durante as interações para captar conteúdos explícitos e implícitos de cada momento. Este método de abordagem oportunizou à análise maior fluidez, promovendo a oportunidade de cortar trechos desnecessários e passagens que fogem de nosso interesse por não fazerem menção ou conexão com as teorias aqui priorizadas.

## **O homem e a técnica: analisando o objeto**

Bing, o personagem principal, é mais um componente da sociedade e um dos poucos afrodescendentes da comunidade. Diariamente, acorda cedo para trabalhar sem questionar o porquê da sua rotina. Um dos primeiros elementos que captam a atenção do telespectador são as máquinas digitais de comida. Como as antigas máquinas automáticas, essas também prendem o lanche escolhido antes da porta de saída, levando

o consumidor a estapear o aparelho para que a peça chegue ao *dispenser*, no entanto, são completamente automatizadas, apenas recriando essa situação de forma artificial

Na mesma cena, Bing seleciona uma maçã, ao passo que aparece na tela a mensagem: “Pessoas que gostaram de Maçã, também gostaram de Banana”, fazendo uma alusão aos anúncios online personalizados que, por meio do uso de algoritmos, realizam uma publicidade direcionada com base em nossas interações online. Nessa relação de consumo podemos introduzir o conceito de modernidade líquida de Bauman:

Em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava. Hoje o capital viaja leve - apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil [...] (BAUMAN, 2000. p. 76).

Ainda que para Bauman esta comparação trate principalmente do modo de trabalho – já que no capitalismo ‘pesado’ um trabalhador inserido em uma fábrica da Renault, por exemplo, terminaria sua vida na mesma indústria, e, hoje, no capitalismo ‘leve’ perdeu-se o que ficou conhecido como ‘trabalhador perpétuo’ - esse conceito está também ligado a forma que os produtos se apresentam. Não é necessária deslocar-se até lojas físicas para que possamos comprar algo. Os anúncios, baseados em nosso próprio gosto, nos acompanham em diversas páginas da web; apenas um botão digital nos separa de uma aquisição.

Em outra cena, vemos Bing, que ao tentar jogar um jogo eletrônico, é bombardeado por dois anúncios em sequência. Após tentar ‘pular’ o primeiro, pagando por isso, um segundo aparece, este do programa pornográfico da colônia. O personagem tenta fechar os olhos, no entanto, o sistema inteligente percebe a ação e, instantaneamente, um alarme dispara com uma mensagem sonora instruindo-o a retomar a visualização. Essa cena remete aos diversos tipos de publicidade que nos são “jogados” diariamente, muitas delas sem termos a opção de evitar, como os anúncios obrigatórios do Youtube, por exemplo.

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares - informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos -, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade [...]. (DEBORD, 1967, p. 14.)

Nos dormitórios, percebemos que existe um botão digital no formato de uma maçaneta. Seu uso se dá para acessar o banheiro. No entanto, o utensílio fica disponível apenas em certos momentos do dia. Isso atenta para a teoria dos tecnofóbicos de Lopes (2008), que enxergam uma sociedade altamente vigiada e controlada, com todas as suas ações observadas e calculadas por algo ou alguém.

Na cena seguinte observamos um dos trabalhadores escolhendo produtos para seu avatar digital. Notamos também a baixa quantia em *merits* que ele possui, o que indica um possível consumo compulsivo, já que o personagem é sempre mostrado em *background* comprando canais televisivos em horário de trabalho.

Já foi dito que o *Spiritus Movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo[...] A despeito de suas sucessivas e sempre pouco duráveis reificações, o desejo tem em si mesmo como objeto constante, e por essa razão está fadado a permanecer insaciável[...] (BAUMAN, 2000, p. 96).

A crítica ao sistema de consumo aparece na voz do personagem central em um diálogo. Na cena, Bing conversa com Abi e tenta convencê-la a participar do programa *Hot Shot*. O protagonista oferece a quantia de 12 milhões de *merits* para que ela possa adquirir o passaporte de entrada. Ao recusar, a trabalhadora alega que ele deveria gastar o dinheiro com o seu próprio consumo. O protagonista responde:

“- E comprar o quê? Novos sapatos para o meu avatar usar? [...] um aplicativo que me mostra no espelho como eu seria se fosse um lobisomem? [...] isso são apenas coisas, coisas, confetes! Você tem algo real, qual melhor maneira de gastar? [...] eu fico olhando ao redor e só espero que algo real aconteça”<sup>5</sup>.

Neste momento, Bing aponta para diversos fatores da forma como a sociedade se estrutura dentro da colônia e, também, critica a forma que o consumo se apresenta, supérfluo e desnecessário, o consumo pelo consumo como aponta Bauman (2000). Em Debord (1967) vemos que essa ruptura constitui a quebra da aceitação pacífica da sociedade pautada no espetáculo:

O Espetáculo se apresenta como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “O que aparece é bom, o que é

---

<sup>5</sup> Diálogo entre Bing e Madsen, Black Mirror, *Fifteen Million Merits*, minuto 21:12

bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência. (DEBORD, 1967, p.16-17.)

Em seguida, podemos observar Bing, sentado em sua cama comprando o *ticket* dourado para Abi participar do programa *Hot Shot*, O que vemos aqui é a substituição da ordem natural das coisas. Não é possível tocar no bilhete, uma vez que ele é virtual, e, portanto, não é entregue pessoalmente, mas sim enviado como um presente digital.

Abi recebe a notificação através das grandes telas que tomam o lugar das paredes em seu cubículo habitacional. O Avatar de Bing aparece em uma delas, ao lado o bilhete de entrada e a mensagem “Bing lhe enviou um presente”. A personagem agradece, projetando o seu avatar na tela de Bing. Num mundo baseado em relações digitais, essa interação virtual, de acordo com Lopes (2008), representa um distanciamento das qualidades e características do mundo real, fragilizando as relações humanas, tornando então o ser humano uma representação do que costumava ser.

Para Recuero (2009), a mediação da internet proporciona a ocorrência de um fenômeno chamado por ela de interconexão entre indivíduos. Este fenômeno dá origem a dois tipos de conexão digital, as emergentes e as de associação. Ainda segundo Recuero (2009), a diferença de um termo para o outro está no modo como a conexão é estabelecida, sendo que, nas emergentes, ela é algo que surge com o tempo, através de conversas online. Essa troca de experiências fundamenta uma base sólida para esta interação. Por sua vez, as ligações por associação são mais ‘fracas’, acontecendo por interações nas redes sociais não fundamentadas na grande troca de ideias, mas sim nas ferramentas disponíveis online para interagir, como as curtidas e comentários do facebook.

Mesmo que ambas se encaixem no contexto deste estudo, a primeira pode ser relacionada mais facilmente com esta análise, já que os laços são construídos através da conversação entre as partes dentro das redes sociais – Que podemos comparar com o sistema integrado de comunicação da colônia –. Portanto, percebemos que as conexões são uma realidade e já não precisamos apenas do mundo físico para nos comunicar. Podemos saber da vida de outras pessoas, seus gostos, preferências, alegrias e tristezas através do mundo virtual através das redes sociais.

Alguns quadros depois, Abi e Bing estão na ante-sala do programa, dividindo o espaço com outros artistas enquanto estes aquecem suas vozes e corpos para entrar em performance. No entanto, vemos que não existe uma ordem, ou senha, para tal, mas que a produção do programa escolhe a dedo quem chamar, baseado no destino já pré-estabelecido para cada concorrente. Também observamos que Abi é escolhida por sua aparência, como apontam as informações que o produtor recebe em seu ponto antes de chamar a cantora. “A de cabelo preto? Sim, a bonitinha.” (Produtor, *Fifteen Million Merits*, Black Mirror - 2011)

Abi então se dirige ao palco, quando é parada por uma produtora que lhe oferece uma caixa de suco. Este líquido é chamado de “Concordância” e tem caráter obrigatório para todos os participantes. Inicialmente Abi se recusa a beber, mas a moça insiste dizendo que a deixará mais calma para a apresentação. Para não ser desqualificada, a cantora cede.

Podemos perceber a crítica ao observarmos este elemento como uma metáfora das situações e elementos que ingerimos durante a nossa vida para concordar com diversas situações, simplesmente colocando nosso pensamento crítico de lado, aceitando aquilo que vemos, ouvimos e lemos de forma passiva. Isso nos transforma em uma sociedade apática e desligada de sua função mais vital, o questionamento. Podemos também relacionar isso ao fato de que somos influenciados a pensar como a grande mídia quer que pensemos, assim alinhando nosso nível de consumo e tempo. E é sobre isso que Umberto Eco fala em seu livro *Apocalípticos e Integrados* (1965).

Os mass media, colocados dentro de um circuito comercial, estão sujeitos à ‘lei da oferta e da procura’. Dão ao público, portanto, somente o que ele quer, ou, o que é pior, seguindo as leis de uma economia baseada no consumo e sustentada pela ação persuasiva da publicidade, sugerem ao público o que este deve desejar. (ECO, 1965, p. 40.)

Na cena seguinte, Abi caminha para o palco, desorientada em função dos efeitos da bebida. Vemos ao fundo, atrás dos jurados, uma tela, que substitui as paredes do local, exibindo os avatares de todos que assistem ao programa online, direto de seus cubículos. Ou seja, a dominação das relações digitais avança em outro nível, já que não é preciso se deslocar e presenciar um acontecimento para de fato estar presente. Recuero (2009), aponta para as plateias invisíveis nas redes sociais, meio no qual as informações

são difundidas para diversas pessoas que não precisam sair de suas casas para manter uma conexão e assim, manterem-se informados sobre certos assuntos.

As informações que circulam nas redes sociais assim tornam-se persistentes, capazes de serem buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de que a circulação de informações é também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede (RECUERO, 2009, p. 5).

Logo em seguida, um dos jurados pede para Abi levantar a sua blusa. Isso demonstra que, antes mesmo de conhecer os dotes artísticos da personagem, os jurados já sabiam de seu veredicto e colocam em destaque aspectos relacionados à estética do corpo do indivíduo.

Ao longo da apresentação, podemos notar como os avatares correspondem à exata expressão de seus ‘originais’ físicos, demonstrando na tela seus sentimentos reações. A maioria do público ovaciona e se encanta pelo talento de Abi, o que, mesmo assim, não convence os jurados a mudarem sua ideia inicial. Vemos isso no diálogo entre os jurados:

- Apesar da sua voz ser boa, ela não é o som mais mágico do mundo. Ela é apenas boa. Eu não acredito que as pessoas estejam realmente ouvindo, certamente os homens não. A sua beleza atrapalha. Os homens vão desejá-la, as mulheres vão odiá-la. Eu não pude deixar de imaginá-la em um cenário erótico. [...] você tem uma beleza pura, parece ter um corpo estonteante e uma interessante inocência. E eu acho que os canais eróticos do Wraith podem aproveitar isso [...] eu não conheço um homem aqui que não iria assistir. Algumas garotas também iriam. (Diálogo entre jurados, Black Mirror, *Fifteen Million Merits*, minuto 34:55).

Na próxima cena, vemos Bing tentando chamar a atenção de Abi, mas é arrastado pelos seguranças. Desta forma começa a decisão da cantora de aceitar ou não a oportunidade que lhe é oferecida pelos jurados. Após algumas falas de manipulação, um dos jurados revela a função dos trabalhadores. “Quem você acha que controla este holofote? Milhões de pessoas. E elas estão lá agora. Se esforçando nas bicicletas enquanto você fica indecisa na luz que eles estão gerando.” (Jurado, Black Mirror, *Fifteen Million Merits*). A reação da plateia é imediata e começa a vaiar a indecisão da garota.

Podemos relacionar isso à manipulação da reação das pessoas por parte da mediação da informação. Bauman (2000) já dizia em seus estudos que na modernidade líquida nada é feito para durar. De todas as demandas, físicas e emocionais, a ideologia por trás das coisas é sua velocidade em tornar-se obsoleta, inclusive as ideias. Em uma colônia digital, permeada por uma realidade cansativa e sem sentido, com poucos estímulos e contato mínimo com outras pessoas, seria válido fazer de tudo para “mudar de vida”? Mesmo que isso significasse abdicar de uma carreira que lhe atrai, migrando para outra completamente diferente?

A personagem abre mão de sua ideia de virar cantora, e, seja pelo efeito da bebida ou não, aceita seu destino de forma passiva, para nunca voltar às bicicletas, mesmo que, talvez, seu futuro seja ainda pior. Ela abraça a ideia de que qualquer coisa seria melhor que a vida que levou até aquele momento, o que podemos comparar ao poder de persuasão que alguns anúncios têm em nossas vidas, muitas vezes nos fazendo duvidar daquilo que acreditamos.

Quando Abi finalmente aceita participar do espetáculo, vemos a reação de três trabalhadores, cada um mostrando uma face da população naquele momento. Um deles empolgado, que assiste aos canais pornográficos enquanto pedala regularmente, outro que se mostra influenciado, já que muda de posicionamento algumas vezes durante o discurso dos jurados, mas por fim aplaude a decisão. Já a terceira se mostra completamente abismada, mas, no entanto, não faz nada para demonstrar seu descontentamento. Podemos relacionar essa cena com os dias atuais, no qual muitos não possuem embasamento teórico para comentar certos tipos de assunto, e, no anonimato das redes sociais, replicam pensamentos de outrem, mesmo que não saibam do que estão falando, mudando seus discursos conforme os demais posicionamentos.

Recuero (2009) diz que isso está intimamente ligado ao conceito de capital social que circunda as redes sociais. Tal capital social constitui um valor agregado ao pertencimento de grupos ou redes sociais, recurso este que também está ligado a manifestação, sendo que aquele que se manifesta, mesmo que seja para falar coisas que não façam o menor sentido, acaba por gerar capital social. Em Debord (1967), vemos que este conceito pode ser traduzido no valor da imagem e como isso representa uma vida de aparências, conceito chave do espetáculo. “O espetáculo não é um conjunto de

imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1967, p 14).

O que aconteceu com Abi é vendido como anúncio posterior, em um *fait divers* (BARTHES, 1964) publicitário, como se o plot não tivesse sido armado justamente para vender mais assinaturas do canal erótico da colônia. “Muitos viram a garota cantar com seu coração no palco do *Hot Shot*, mas o que veio depois chocou a todos” (Anunciante, Black Mirror, Fifteen Million Merits). O sensacionalismo é feito para instigar a curiosidade ou o medo, já que não existe melhor potencial comercial do que essas duas vertentes dos sentimentos humanos. Isso aparece como mais uma evidência de que nada dentro da colônia acontece sem ser estrategicamente calculado. A história forjada da garota infeliz e dopada que estreia seu próprio show erótico ao invés de virar cantora foi uma grande alavanca para os negócios televisivos na narrativa.

Bing acompanha a estreia de Abi, e como não tem *merits* suficientes, não pode escapar das propagandas do programa erótico, que retrata a personagem como uma estrela erótica dopada, apática e infeliz. Neste momento, em um pico de fúria, o personagem quebra um pedaço da tela, mostrando um segundo indício de rompimento do sentimento de apatia. Dos estilhaços guarda um pedaço. Decidido a expressar sua opinião, Bing não vê lugar mais apropriado que o palco do programa *Hot Shot*, campeão de audiências na colônia.

Após trabalhar arduamente na bicicleta, economizando ao máximo, Bing consegue juntar outros 15 milhões de *merits* – daí o nome do episódio – para comprar outro bilhete dourado. Ele se inscreve sob a premissa de ser um dançarino, sendo rapidamente escolhido por um dos produtores, que o seleciona ao ser requisitado por um artista “De etnia”. No caminho da apresentação, uma produtora do programa se aproxima com uma caixa de concordância, que Bing alega já ter bebido. Podemos relacionar essa atitude com o fato de que ele não precisa da concordância pois abriu os olhos para a realidade.

No meio de sua performance, Bing saca o pedaço de vidro que carrega consigo, posicionando-o sobre o pescoço e obrigando todos ao silêncio. Com um discurso sobre liberdade, o protagonista mostra um lado diferente de entender o que se passa na colônia, criticando o sistema de dominação implantado. Ele busca com isso mostrar que todas as pessoas deveriam ter os mesmos direitos e que não deveriam ser mais

assombradas pela vigilância digital, aqui interpreta-se uma analogia ao severo “Grande irmão”<sup>6</sup>. É o que sustenta Oliveira, Nascimento e Shyra (2014) em sua análise do episódio de Black Mirror:

Assim, ele tenta assegurar um processo de contra-hegemonia em defesa dos interesses da classe dos operários, ao defender outra forma de pensar, agir e sentir na sociedade em que vivem. Mas, tudo em vão. Inicialmente, ele consegue chamar a atenção dos espectadores e dos jurados para o seu discurso, mas, em seguida, Bing também é vencido pelo sistema e termina por propagá-lo, minando, em quem assiste ao episódio, qualquer esperança de que o humano sobressairá à técnica. (OLIVEIRA, NASCIMENTO E SCHYRA. 2014, p. 37)

No entanto, Bing inicialmente têm êxito em chamar a atenção, porém, sua manifestação é suprimida pelos jurados. Estes lhe oferecem um espaço em sua grade para que se manifeste semanalmente, em uma espécie de espetáculo inofensivo ao sistema. Assim, o protagonista perde a razão em seu ato, uma vez que está subjugado ao meio que condena, se tornando parte do sistema que critica, aceitando passivamente seu destino sem precisar da “concordância”.

## **Considerações finais**

O episódio analisado representa uma forte crítica ao papel da tecnologia na manipulação e alienação da população, como por exemplo a dependência de artifícios tecnológicos para uma vida “saudável”, o que pode ser interpretado como uma forma velada de controle, da qual suspeitam os tecnofóbicos de Lopes (2008). A narrativa de *Fifteen Million Merits* realiza uma leitura precisa da sociedade atual, ainda que de forma alegórica. O homem é retratado como um sujeito incapaz de pensar diferente da imposição por parte de grandes marcas e influenciadores, dependente da internet e das redes sociais, cuja vida é pautada pelas tecnologias e pelo mundo automatizado. Neste ambiente, perfeitamente calculado, o homem se encontra preso ao tempo, buscando não outro sentido para sua vida senão o constante investimento na indústria do consumo.

Ainda que seja uma visão apocalíptica e tecnofóbica, o episódio traz elementos

---

<sup>6</sup> Personagem fictício da obra de George Orwell, 1984 (1949), que representa uma consciência virtual responsável por vigiar a vida da população através de cada ‘gadget’ ou câmera. Posteriormente, o nome foi adotado pelo reality show baseado na vida de uma comunidade de pessoas trancafiadas em uma casa por meses (Big Brother).

que podemos reconhecer no nosso cotidiano, como o consumo desenfreado de tecnologias e futilidades. No fim do episódio vemos que o personagem principal, mesmo após despertar o pensamento crítico por meio do questionamento da vida que ele e seus colegas levam dentro da colônia, acaba se submetendo ao sistema, sem precisar ser influenciado. Ou seja, o protagonista abdica mais uma vez de tomar um posicionamento quanto ao mundo em troca de um programa próprio, para transformar a sua revolta e visão de mundo em um mero entretenimento. A mensagem de encerramento do episódio é emblemática ao mostrar que não importa o que aconteça, tanto o personagem no episódio quanto o homem contemporâneo, não conseguem sobressair-se à técnica.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Zahar, 2001.

**Black Mirror: Fifteen million merits**. Direção: Euros Lyn. Roteiro: Charlie Brooker e Kanak Huq. 2011. Duração: 62 min.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE OLIVEIRA, Andréia; DO NASCIMENTO Danilo e SCHYRA, Geralda. **Da melancolia à ironia: o discurso dissimulado da contemporaneidade em black mirror**, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/18079288.2014v10n2p25/28339>> Acesso em: 05 mar. 2017.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. Perspectiva, 1979.

LOPES, Luís Carlos. **Crenças e tecnologias: ensaios de comunicação, cibercultura e argumentação**. Editora Sulina, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. 5. ed. Forense Universitária, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão**, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>> acesso em: 05 mar. 2017.

VALENTIM, Renata. **Mediatização e instituições: justiça e crítica na minissérie black mirror**, 2014. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1758-1.pdf>> acesso em: 1 jun. 2017.